

Contrapontos: Luiz Costa Lima e Antonio Candido

Anita Martins Rodrigues de Moraes¹

Resumo: Neste artigo, investigo aspectos da crítica feita por Luiz Costa Lima ao modelo teórico da *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antonio Candido. Meu interesse é explorar o alcance dessa crítica notando seus rastros na própria teoria costalimiana da *mimesis*, do controle do imaginário e do sujeito solar moderno. Pretendo, assim, desenvolver uma leitura de Candido a partir de Costa Lima, traçando contrapontos e explorando diferenças entre os dois pensadores.

Palavras-chave: *mimesis*; teoria do reflexo; estudos pós-coloniais.

Abstract: In this article, I investigate aspects of the criticism elaborated by Luiz Costa Lima to the theoretical model of *Formação da Literatura Brasileira* (1959), by Antonio Candido. My interest is to explore the scope of this criticism by noticing its traces in Costa Lima's theory of *mimesis*, the control of the imaginary and the modern solar subject. I intend, therefore, to develop a reading of Candido considering Costa Lima's theories, drawing counterpoints and exploring differences between the two thinkers.

Keywords: *mimesis*; reflex theory; postcolonial studies

Em “Concepção de História Literária na *Formação*”, texto publicado em *Pensando nos trópicos*, de 1991, Costa Lima propõe que o tom descritivo da *Formação* dissimula os juízos de valor que a enformam. Ao desmontar tal estratégia discursiva, Costa Lima aponta a relevância que o nacional assume no projeto crítico-historiográfico de Candido, subordinando-se, em sua perspectiva, o literário a um critério expressivo-representacional. Trata-se, parece-me, de notar como certa demanda de expressão-representação faz funcionar o “controle do imaginário”, já que a literatura se justifica (e é julgada) pelo papel que possa desempenhar no processo de “aclimatação da cultura europeia” nos trópicos, ou seja, de “estilização das tendências locais”, de expressão do “brasileiro”. Ao investigar a questão da *forma* na *Formação*, Costa Lima acusa seu caráter a-histórico, algo que pode soar surpreendente, como nota o crítico, num autor como Candido, tão empenhado em lidar com as relações entre texto e contexto.

Penso que a crítica elaborada por Costa Lima tenha amplo alcance. Vejamos mais de perto algumas das premissas da *Formação*. Gostaria de frisar a tese da tensão entre tendências

¹ Professora de Teoria da Literatura junto ao Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (e-mail: anitamoraes@id.uff.br). Seus interesses de pesquisa se voltam à questão das relações entre literatura, antropologia e teoria da literatura. De suas publicações, destacam-se os livros *O inconsciente teórico: investigando estratégias interpretativas de Terra sonâmbula, de Mia Couto* (São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009), e *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido* (São Paulo: Editora da Unesp, 2015).

particularistas e universalistas como característica da literatura brasileira. Trata-se, para Candido, do desafio de equilibrar o universal e o particular, ou seja, as formas de expressão europeias (polo universal) e a realidade local (polo particular). De outra maneira: o desafio de nossos escritores seria adaptar a *forma europeia* herdada de modo que pudesse dar expressão à *realidade local*, formando-se, assim, uma literatura propriamente brasileira, por sua vez articulada à literatura ocidental. Trata-se de *incorporar*, transfigurando-a, a realidade local ao sistema simbólico da literatura ocidental; de *ajustar* tal tradição literária para dela participar.² Vejamos, nesse sentido, como Candido aborda a poesia de Cláudio Manuel da Costa em “Literatura de dois gumes”:

Quando Cláudio Manuel da Costa transforma em Polifemos as rochas da capitania de Minas, e em Galatéias os ribeirões cheios de ouro, está dando nome ao mundo e incorporando a realidade que o cerca a um sistema inteligível para os homens cultos da época, em qualquer país da civilização ocidental. Assim, a possibilidade de ajustar a tradição ao meio trazia em si, ao lado da disciplina, uma considerável liberdade; e da combinação de ambas formou-se a expressão ao mesmo tempo geral e particular, universal e local, que a literatura do tempo da Colônia transmitiu como conquista sua. (CANDIDO, 2006, p. 214-215)

Candido valoriza o “equilíbrio feliz”, ou seja: se no arcadismo o perigo estava no abandono do local em favor da convenção artística europeia; no romantismo, o risco esteve na excessiva valorização do local (“o concreto espontâneo, característico, particular” [CANDIDO, 1993, p. 16]), numa manifestação formalmente pouco elaborada. Candido lida, assim, ao propor uma tensão entre universal e particular, com uma espécie de dissociação entre forma (universal, europeia) e conteúdo (local, particular), sendo que a *forma* remete a “disciplinas mentais” (CANDIDO, 1964, p. 111) e o *conteúdo* remete ao “material bruto da experiência” (CANDIDO, 1964, p. 29). Em “Literatura e cultura: de 1900 a 1945” (1965), Candido afirma:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada dos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar

² Tal projeto mantém afinidades com aquele que Said encontra em Auerbach: “A ideia de história literária europeia ou ocidental encerrada naquele livro [*Mimesis*] e em outros trabalhos de literatura comparada é essencialmente idealista e, de maneira não sistemática, hegeliana. Assim, o princípio de desenvolvimento pelo qual a România teria adquirido seu predomínio opera por incorporação e síntese. Porções cada vez maiores da realidade são incluídas numa literatura que se amplia e se refina desde as crônicas medievais até os grandes edifícios da narrativa de ficção do século XIX – nas obras de Stendhal, Balzac, Dickens, Proust. (...) A saudável visão de uma ‘literatura mundial’, que adquiriu um estatuto redentor no século XX, coincide com o que foi enunciado também pelos teóricos da geografia colonial. (...); mas agora, em vez de ser apenas história, são também o império e o espaço geográfico efetivo que colaboram para produzir um ‘império mundial’ comandado pela Europa.” (SAID, pp. 96-97) Para um estudo das afinidades entre Candido e Auerbach, ler *A passagem do três ao um*, de Leopoldo Waizbort (2007).

até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos. E para além da intenção ostensiva, a obra resulta num compromisso mais ou menos feliz da expressão com o padrão universal. O que temos realizado de mais perfeito como obra e como personalidade literária (um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Joaquim Nabuco, um Mário de Andrade) representa momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências.

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido na integração progressiva da experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão). (CANDIDO, 2000b, p. 101)

Fica evidente que, para Candido, simples descrição local ou manifestação afetiva imediata não são, ainda, elaboração literária, estilização da realidade – trata-se do particular ainda não elaborado formalmente, o que delataria um *desequilíbrio*. N’*O controle do imaginário* (1984; 1989), Costa Lima também acusa o “primado da observação” no romance oitocentista brasileiro, afirmando que configura uma espécie de “veto ao ficcional” (COSTA LIMA, 2007, p. 164). Candido e Costa Lima estariam, então, de acordo quando condenam projetos (literários, críticos e/ou teóricos) que tomam a literatura como simples reflexo imediato da realidade (seja manifestação afetiva, seja realidade observada)? Em “Crítica e sociologia”, Candido chega a afirmar que “o trabalho artístico estabelece uma relação arbitrária e deformante com a realidade”, sendo que o “sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica” (CANDIDO, 2000a, p. 13).

Parece-me, contudo, que a concordância seria apenas aparente. Isso porque o engano apontado por Candido está em se tomar a obra literária como reflexo *direto* da realidade, desconsiderando-se o trabalho artístico que, com método, trai a realidade para melhor tratá-la (ordená-la e comunicá-la). O objetivo da literatura é ainda, para Candido, a representação de uma realidade prévia, mesmo que tal representação literária seja entendida como *elaboração* (transfiguração, estilização, ordenação, estabilização) e não simples *apresentação* imediata dessa realidade. Penso que, para Costa Lima, tal teorização talvez continue refém da teoria do reflexo, ainda que numa versão sofisticada.

Como sabemos, em “Dialética da malandragem” (1970), Candido analisa o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, propondo uma equação mínima que considera ser tanto seu princípio estruturante como basilar da sociedade brasileira: trata-se do trânsito entre ordem e desordem, norma e desvio. A análise de Candido recorre a um diagrama assim explicado:

OD, dialética da ordem e da desordem, é um princípio válido de generalização, que organiza em profundidade tanto AB [os fatos particulares quaisquer da sociedade joanina do Rio] quanto A'B' [os fatos particulares quaisquer da sociedade descrita nas *Memórias de um sargento de milícias*], dando-lhes inteligibilidade, sendo ao mesmo tempo real e fictício –, dimensão comum onde ambos se encontram, e que explica tanto um quanto outro. A'B' não vem diretamente de AB, pois o sentimento de realidade na ficção pressupõe o dado real mas não depende dele. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries; a real e a fictícia. (CANDIDO, 2004, p. 39)

A mediação é decisiva para Candido; contudo, o objetivo da representação literária, e mesmo seu sucesso, é medido pelo *critério da semelhança*. É porque o princípio ordenador da obra coincide com um traço da sociedade brasileira que a literatura desempenha seu papel: tornar claro o que era confuso, fazer conhecido o que era desconhecido ou oculto e, assim, ampliar “o domínio do espírito sobre a realidade” (CANDIDO, 2006, p. 204). Em “Crítica e sociologia”, Candido sugere, por exemplo, que o romance *Senhora*, de Alencar, incorporaria em sua estrutura um elemento externo: “se o livro é ordenado em torno desse longo duelo [entre Aurélia e Fernando], é porque o duelo representa a transposição, no plano da estrutura do livro, do mecanismo de compra e venda.” (CANDIDO, 2000a, p. 8) Candido defende, então, que uma crítica literária de viés sociológico é bem sucedida quando capaz de desvelar a coincidência entre mecanismos sociais e a estrutura de uma obra. Trata-se, mais uma vez, de entender a literatura como elaboração de uma ordem (a estrutura da obra) que permite a melhor compreensão do mundo social. Algo do mundo é então incorporado à obra (em sua estrutura) e revelado ao homem, ampliando-se, assim, os domínios da consciência humana.

Subjaz a este paradigma uma ênfase na *semelhança*, o produto ficcional entendido como *semelhante* a algo prévio e externo – mesmo que antes em estado de confusão, desconhecimento ou ocultamento. É digno de nota que Candido, por vezes, regozija-se ao apontar a “coincidência feliz” entre convenções artísticas europeias e realidade local: a poesia pastoral árcade, por exemplo, “dava expressão a um diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo” (CANDIDO, 1964, p. 68). Ao tratar do barroco em “Literatura de dois gumes”, afirma que seus contrastes permitiram a expressão dos “contrastos entre a inteligência do homem culto e o primitivismo reinante” (CANDIDO, 2006, p. 204).³ Vemos que Candido espera que a literatura funcione como recurso expressivo, como instrumento de produção de consciência e entendimento sobre a realidade. Ao tratar do

³ Novamente, vale a pena reler Said: “Os discursos universalizantes da Europa e dos Estados Unidos modernos, sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não europeu. Há incorporação; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado dever ser ouvido e suas ideias, conhecidas.” (SAID, 2011, p. 101)

romance na *Formação*, Candido sugere, inclusive, que, enquanto “um instrumento de descoberta e interpretação” (CANDIDO, 1993, p. 97) do país, o romance romântico levava à “conquista progressiva do território” (CANDIDO, 1993, p. 101).

Na perspectiva de Costa Lima, e isso se relaciona à revisão que elabora do conceito de *mimesis*, o produto do imaginário, no caso, o discurso ficcional, interessa por produzir um distanciamento quanto ao que se admite como “realidade”, produzindo perspectivação. O controle surge justamente para anular esse potencial desestabilizador do ficcional, da *mimesis* enquanto produção de diferença. Tal controle pode ser exercido ao se amarrar o literário à condição de ilustração/revelação da “realidade”, sendo que tal “realidade” não passaria, para Costa Lima, de “certo modo de ver o mundo” (COSTA LIMA, 1981, p. 217).

Parece-me, assim, que uma discordância de base acerca do que seja a própria “realidade” aparta os dois pensadores. Como vimos, na *Formação*, Candido fala em “coisas locais”, “brasileiras” (CANDIDO, 1964, p. 99), em “material bruto da experiência” (CANDIDO, 1964, p. 29) e “concreto espontâneo” (CANDIDO, 1993, p. 16). Na “Dialética da malandragem”, aponta uma ordem social oculta, que se vê revelada pelo escritor e pelo crítico literário, munido, este, de modelos das ciências sociais. A realidade é tomada por Candido como um dado (oculto, confuso e mesmo caótico) que será melhor entendido (ou ordenado e dominado) via literatura. Para Costa Lima, contudo, a realidade é, ela própria, representação.

Em “Representação social e *mimesis*” (1981), Costa Lima propõe que “não há um real previamente demarcado e anterior ao ato de representação” (COSTA LIMA, 1981, p. 219). Adiante, acrescenta: “As representações são estas múltiplas molduras em que nos encaixamos sem nos determos, a maioria das quais aprendemos pelo simples comércio com outros membros do grupo. O teatro do mundo, pois, quase deixa de ser uma metáfora (...)” (COSTA LIMA, 1981, p. 221) Sendo o mundo já representação, se em nossa vida atuamos a partir de esquemas/molduras aprendidos em nossas interações sociais, a realidade se esfuma.⁴ De outra maneira: não há realidade que não seja atuação/interação, que não seja uma visão de mundo situada, produzida a partir de um lugar social específico. Assim, a tal realidade

⁴ Costa Lima desenvolve sua reflexão em diálogo com autores como Erving Goffman (noção de *frame*), Alfred Schütz (teoria das reações típicas) e Gregory Bateson (moldura do jogo) (COSTA LIMA, 1981, pp. 221-225). Em *História. Ficção. Literatura* (2006), o teórico retoma o problema, renovando sua interlocução com Goffman e Schütz, além de desenvolver diálogo com William James (com foco na noção de *fringe* [COSTA LIMA, 2006, pp. 22-27]).

nacional não passaria de uma visão localizada (devedora, inclusive, dos interesses de certos grupos), naturalizada como *a realidade*.

Do mesmo modo, a dialética da malandragem não passaria de uma proposição sociológica valorizada por Candido, tida por ele como explicativa tanto da sociedade brasileira como do romance de Manuel Antonio de Almeida. Aliás, tal dialética entre ordem e desordem não atualizaria, como suposta realidade sociológica, a tensão entre forma herdada (ordenadora) e realidade local (bruta, caótica)? Nos dois casos (na dialética da malandragem e na tese da tensão entre universal e particular), Candido não estaria supondo, no fundo, um embate entre civilização e primitivismo/barbárie? Vejamos algumas passagens elucidativas da *Formação*:

No caso do Brasil a poesia pastoral tem significado próprio e importante, visto como a valorização da rusticidade serviu admiravelmente à situação do intelectual de cultura européia num país semibárbaro, permitindo-lhe justificar de certo modo o seu papel. [...] A adoção de uma personalidade poética convencionalmente rústica, mas proposta na tradição clássica, permitia exprimir a situação de contraste cultural, valorizando ao mesmo tempo a componente local – que aspirava à expressão literária – e os cânones da Europa, matriz e forma da civilização a que o intelectual brasileiro pertencia, e a cujo patrimônio desejava incorporar a vida intelectual de seu país. (CANDIDO, 1964, p. 68)

Talvez seja possível, mesmo, afirmar que a vituperada quinquilharia clássica tenha sido, no Brasil, excelente e proveitoso fator de integração cultural, estreitando com a cultura do Ocidente a nossa comunhão de coloniais mestiçados, atirados na aventura de plasmar no trópico uma sociedade em molde europeu. (1964; p. 77)

Acima da barbárie e da incultura gerais, os letrados formavam grupos equivalentes pelas funções sociais, nível de instrução, diretrizes mentais e gostos, separando-se das massas na medida em que integravam quadros dirigentes na política, na administração, na religião. (CANDIDO, 1964, p. 89)

Já em “Dialética da malandragem”, encontramos:

Leonardo Pataca, o pai, faz parte da ordem. (...) Mas depois de abandonado por ela [Maria da Hortaliça], entra num mundo suspeito por causa do amor pela Cigana, que o leva às feitiçarias proibidas do caboclo do Mangue, onde o major Vidigal o surpreende para mantê-lo na cadeia. (...) Assim, Leonardo pai, representante da ordem, desce a sucessivos círculos da desordem (...). (CANDIDO, 2004, p. 32)

Luisinha [branca] e Vidinha [mulata] constituem um par admiravelmente simétrico. A primeira, no plano da ordem, é a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres. Vidinha, no plano da desordem, é a mulher que se pode amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme pendores do instinto e do prazer. (CANDIDO, 2004, 34).

Uma sociedade jovem procura disciplinar a irregularidade de sua seiva para se equiparar às velhas sociedades que lhe servem de modelo, desenvolvendo normalmente certos mecanismos de contensão, que aparecem em todos os setores. (...) Em meio de tudo, a liberdade quase feérica do espaço ficcional de Manuel

Antônio, livre de culpabilidade e remorso, de repressão e sanção interiores, colore e mobiliza o firmamento do Romantismo, como os rojões do FOGO NO CAMPO ou as baianas dançando nas procissões. (CANDIDO, 2004, p. 42).

Fica claro que, para Candido, ordem, disciplina e racionalidade se associam à Europa; confusão, desordem, irracionalidade e espontaneidade, aos trópicos. A dialética da malandragem supõe, assim, certa geografia.⁵ É evidente que Candido se compromete não apenas com uma perspectiva evolucionista e etnocêntrica (no caso, eurocêntrica), mas também, como disse já, com expectativas de reflexo entre obra e realidade, ou seja, com a suposição de que a configuração da obra literária reflita processos sociais, tanto porque os espelha (em sua estrutura) como porque se vê por eles condicionada.

Podemos pensar que Costa Lima muda o vértice da relação entre literatura e mundo: o texto literário não manterá laços definitivos com certa realidade externa; o leitor será também responsável por estabelecer pontes entre o que entende como realidade e o texto literário, ou seja, o leitor mobiliza suas próprias referências de realidade no jogo com o texto. A *mimesis* se realiza, assim, na recepção.

A entrada em cena do leitor aponta, é evidente, para um questionamento da ideia de forma – ordenadora/ estabilizadora – como pensada por Candido. Nas palavras de Costa Lima:

O receptor nela [na experiência mimética] ‘descobre’ uma semelhança (com suas representações), que não pertence imanentemente à obra. A obra mimética, portanto, é necessariamente um discurso com vazios (Iser), discurso de um significante errante, em busca de significados que o leitor lhe trará. Os significados então alocados serão sempre transitórios, cuja mutabilidade está em correspondência com o tempo histórico do receptor. Por esta intervenção necessária do outro, o receptor, o produto mimético é sempre um esquema, algo inacabado, que sobrevive enquanto admite a alocação de um interesse diverso do que o produziu. (COSTA LIMA, 1981, p. 232)

O decisivo papel do leitor aponta, portanto, para uma perda de controle do autor e do crítico sobre a literatura. Certamente, essa perda aponta também para um questionamento da própria concepção de sujeito subjacente a tal intenção de controle. Não é difícil de notar o sujeito solar (como teorizado por Costa Lima em *Mimesis: um desafio ao pensamento* [2000]) nas apostas de uma função humanizadora/civilizadora da literatura, função pensada por Candido, como vimos, em termos de conquista (“conquista progressiva do território” [CANDIDO, 1993, p. 101]) e domínio (“domínio do espírito sobre a realidade” [CANDIDO,

⁵ A noção de “geografia imaginativa” elaborada por Said é, aqui, incontornável. Ler especialmente o capítulo “A geografia imaginativa e suas representações: orientalizando o oriental”, de *Orientalismo* (2007).

2006, p. 204]). Mas talvez seja n’*Os parceiros do rio Bonito* que tal sujeito solar surja mais patente:

Esta familiaridade do homem com a Natureza [característica da vida do caipira] vai sendo atenuada, à medida que os recursos técnicos se interpõem entre ambos, e que a subsistência não depende mais de maneira exclusiva do meio circundante. O meio artificial, elaborado pela cultura, cumulativo por excelência, destrói as afinidades entre homem e animal, entre homem e vegetal. Em compensação, dá lugar, à iniciativa criadora e a formas associativas mais ricas, abrindo caminho à civilização, que é humanização. Daí as conseqüências negativas de uma adaptação integral do homem ao meio, em condições tecnicamente rudimentares – na medida em que limita a sociabilidade e torna desnecessárias as atitudes mais francamente operativas na construção de um equilíbrio ecológico, que integre de modo permanente novas técnicas de viver, e realce, mais nitidamente, a supremacia criadora da cultura sobre a natureza. [...] (CANDIDO, 1971, pp. 175-6)

O evolucionismo implícito à passagem revela-se, desde o início, etnocêntrico:

Sobretudo quando encaramos a obtenção dos meios de vida, observamos que algumas culturas não conseguem passar de um equilíbrio mínimo, mantido graças à exploração de recursos naturais por meio de técnicas rudimentares, a que correspondem formas igualmente rudimentares de organização. O critério para avaliá-las, nestes casos, é quase biológico, permitindo reconhecer dietas incompatíveis com as necessidades orgânicas, correlacionadas geralmente a técnica pobre, estrutura social pouco diferenciada além da família, representações míticas e religiosas insuficientemente formuladas. É o que se observa em povos ‘marginais’ da Patagônia e sobretudo Terra do Fogo, em nômades como sirinós, ou os nambiquaras. (CANDIDO, 1971, p. 27)

Vale à pena lembrar que a redação da *Formação* e o desenvolvimento do trabalho sobre os caipiras paulistas coincidiram em grande medida (entre meados dos anos 1940 e meados dos anos 1950). Talvez a tese em sociologia de Candido seja uma surpreendente chave de leitura para a *Formação*: enquanto n’*Os parceiros* estamos diante de portugueses que “regrediram” no contato com o meio natural e com o índio, tornando-se caipiras mediante a “perda de formas mais ricas de sociabilidade e cultura” (CANDIDO, 1971, p. 46); na *Formação*, estamos diante do empenho de nossos escritores para, “em meio a uma aclimatação penosa da cultura europeia”, *implantar* uma literatura no Brasil e, assim, construir uma “nova morada” para “o espírito do Ocidente” (CANDIDO, 1964, p. 10).

Em *Estruturalismo e teoria da literatura* (1973), Costa Lima já nos advertia acerca do legado eurocêntrico da tradição estética ocidental. Seja em Platão, seja em Hegel, o autor acusava uma reflexão sobre a arte ancorada em antropocentrismo (a suposta centralidade e superioridade do homem) que resvalava em etnocentrismo (a superioridade de certo homem), associados, para Costa Lima, ao logocentrismo desvelado por Derrida (COSTA LIMA, 1973, p. 18, p. 288). Nas palavras do teórico brasileiro:

Se as chaves da cidade não foram entregues ao depositário da razão, ele, entretanto, pelo estabelecimento da metafísica, tem-se encarregado de racionalizar a ordem que, metaforicamente, coloca o homem desta cidade, deste estado – cidade, estado e tempo privilegiados pelo pensador – no centro da civilização. Pois, assim como o logocentrismo se traduz, do ponto de vista social, em antropocentrismo, descendo por esta escala prática, o antropocentrismo se converte em etnocentrismo. Platão, por certo, não previa esta direção. Mas nada há de estranho no fato. Nenhuma obra é comandada pelos votos do autor. (COSTA LIMA, 1973, p. 27)

[...] O etnocentrismo, base do edifício estético [hegeliano], compreende o passado, a partir da ótica do presente. Os momentos do passado assim se orientam evolucionisticamente. Por outro lado, Hegel trabalha por expurgos sucessivos, para que, ao final, brilhe sozinha e radiante, a Essência. (...) O real é a redundância sensível do conceito. Platão desprezava a cozinha por só visar ao prazer do corpo. Hegel vai mais adiante: o real é uma espécie de corpo que o filósofo terá que desnudar, para que apreenda a Ideia real. Sem dificuldade, reencontramos a primazia do *logos* e renovada a solidariedade do logocentrismo com o antropocentrismo. Pois, ao contrário do que declara a etimologia, tal primazia não diz do papel substantivo da razão, mas sim da antropomorfização da razão. Antropomorfizada, certa razão se arroga o direito de legislar sobre outras razões. (COSTA LIMA, 1973, p. 41)

O empenho de Costa Lima era, então, justamente o de configurar um pensamento sobre a literatura que problematizasse as “prenoções” subjacentes a tal tradição estética e, então, que dela se afastasse – objetivo que parecia se confundir, para o autor, com a própria tarefa da teoria da literatura (COSTA LIMA, 1973, pp. 17-19). Para tanto, Costa Lima elaborava ampla discussão acerca do estruturalismo, atentando para o “descentramento do homem” que, na esteira de Marx e Freud, a obra de Lévi-Strauss parecia produzir (COSTA LIMA, 1973, p. 248).

Entendo que tal estudo crítico da tradição estética ocidental já continha em gérmen desenvolvimentos futuros: 1) delineava traços do controle do imaginário (a intenção de tornar a arte um “objeto dócil de manipulação” [COSTA LIMA, 1973, p. 16]); 2) acusava entendimento equivocado acerca da *mimesis* (“que se torna sinônimo de imitação” [COSTA LIMA, 1973, p. 16]); 3) além de destacar a recorrente (e ideológica) exaltação do “humano”, ou da “consciência humana”, em tal tradição (o que antecipa aspectos de sua posterior crítica do sujeito central ou solar [COSTA LIMA, 2000]). Parece-me, e então concluo, que o percurso teórico de Costa Lima nos ajuda a perceber quais premissas enformam o pensamento de Candido acerca da literatura, ou seja, seus débitos quanto a um humanismo profundamente eurocêntrico.

Referências:

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000a.

- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000b.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos** (v. I). São Paulo: Martins, 1964.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos** (v. II). Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- _____. Literatura de dois gumes. In **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. Dialética da malandragem. In **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- _____. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.
- COSTA LIMA, Luiz. **Estruturalismo e Teoria da Literatura**. Petrópolis : Vozes, 1973.
- _____. Representação social e *mimesis*. In **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.
- _____. A concepção da história literária na *Formação*. In **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1991.
- _____. **Mímesis: desafio ao pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *O controle do imaginário*. In **Trilogia do controle**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

*Recebido em setembro de 2018.
Aprovado em dezembro de 2018.*